



ESTUDO ARGUMENTATIVO E POLIFÔNICO DO TEXTO NARRATIVO

Cecília Ribeiro de Souza³
(UESB)

Adilson Ventura Silva**
(UESB)

RESUMO

Neste artigo, propõe-se verificar como se dá o funcionamento argumentativo e polifônico do texto narrativo, a partir da análise do conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti. Para tanto, baseia-se nos pressupostos da Teoria dos Blocos Semânticos e em conceitos da Teoria Polifônica da Enunciação, proposta por Ducrot (1984a, 1988). Defendemos as hipóteses: a) a narrativa do conto *A moça tecelã* está determinada por acepções de “tempo”, enquanto elemento responsável por trazer e levar os acontecimentos; b) os textos narrativos são atravessados pela argumentação constitutiva do ponto de vista do enunciador, colocado em cena pelo locutor; c) o funcionamento argumentativo do conto mobiliza dois discursos sobre casamento. Como resultado, constatou-se indícios que circulam nos textos narrativos instruções argumentativas que são formalizadas em encadeamentos produzidos a partir dos pontos de vista dos enunciadores e que apontam o sentido da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Blocos Semânticos; Narração; Polifonia.

INTRODUÇÃO

Com o texto *Escalas Argumentativas* Ducrot (1973a) inaugura um modo de conceber o sentido como estritamente argumentativo. A nova vertente semântica

³ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN-UESB); Especialista em Linguística; Graduada em Letras; vinculada ao Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) - GPEL; Bolsista da FAPESB. E-mail: souzaceciribeiro@gmail.com

** Doutor em Linguística pela Unicamp; docente do curso de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN-UESB) e docente do DELL – UESB; vinculado ao Grupo de Pesquisa Semântica do Acontecimento e ao Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) – GPEL. E-mail: adilson.ventura@gmail.com



por ele fundada, denominada *Semântica Argumentativa*, toma o termo “argumentação” numa acepção que a distingue, completamente, da concepção retórica de argumentação, pelo fato de que, para Ducrot, *a argumentação está inscrita no próprio sistema da língua*.

Objetiva-se com o presente artigo verificar como se dá o funcionamento argumentativo e polifônico no texto narrativo, a partir da análise do conto *A moça tecelã* de Marina Colasanti. Para tanto, tomamos os pressupostos da Teoria da Argumentação na Língua, mais especificamente a *Teoria dos Blocos Semânticos*, complementada por conceitos da Teoria Polifônica da Enunciação, propostos por Ducrot (1984^a, 1988), dentre os quais utilizaremos os conceitos de *enunciado*, *enunciação*, *sentido*, *locutor* e *enunciador*. Nesse sentido, defendemos as seguintes hipóteses: a) a estrutura narrativa do conto *A moça tecelã* está determinada pelo funcionamento semântico-argumentativo de “tempo”, enquanto elemento responsável por trazer e levar os acontecimentos; b) os textos narrativos são possivelmente atravessados pela argumentação constitutiva do ponto de vista expresso através do enunciador, colocado em cena pelo locutor; c) o funcionamento argumentativo do conto *A moça tecelã* mobiliza, por meio da narração, dois discursos¹ sobre casamento.

Passemos à descrição teórica.

TEORIA POLIFÔNICA DA ENUNCIÇÃO

A Teoria Polifônica da Enunciação, que compõe a segunda fase da TADL juntamente com a Teoria dos Topoi, surge a partir do texto *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação* de Ducrot (1984a) e com *Polifonia y Argumentación* (Ducrot, 1988) com o objetivo de contestar e substituir o postulado da unidade do sujeito falante.

¹ Toma-se, aqui, o termo *discurso* como ele é entendido por Ducrot (1984a, p. 164) e apresentaremos a seguir.



Ducrot (1984a) estabelece três distinções metodológicas, a partir das quais configura o conceito de polifonia de M. Bakhtin. A primeira é entre *frase* e *enunciado*, na qual o semanticista afirma que enquanto a *frase* constitui para o linguista um objeto teórico não observável, o *enunciado* — manifestação particular do falante e que, por consequência, não se repete — é observável por constituir-se como fragmento de discurso. A partir dessa distinção, Ducrot (1984a, p. 164) conceitua *discurso* como fenômeno observável, “constituído de uma seqüência linear de enunciados” e levanta a hipótese de que tal consideração sobre o discurso significa dizer que “[...] o sujeito falante o apresentou como uma sucessão de segmentos em que cada um corresponde a uma escolha “relativamente autônoma” em relação à escolha dos outros” (*ibidem*). Ducrot (1984a, p. 168) redefine o conceito de enunciação assumindo a terceira acepção: “[...] é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado”.

A segunda distinção estabelecida por Ducrot é a diferença entre a “significação” e o “sentido”. Ele os distingue a partir da seguinte afirmação: “Quando se trata de caracterizar semanticamente uma frase, falarei de sua “significação”, e reservarei a palavra “sentido” para a caracterização semântica do enunciado” (DUCROT, 1984a, p. 169).

Como terceira decisão teórico-metodológica essencial, Ducrot (1984a, p. 172) assume que “[...] é o objeto próprio de uma concepção polifônica do sentido mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes”. Por meio do conceito de polifonia, Ducrot (1984a) introduz na concepção de argumentação a noção de sujeitos linguísticos, que ele os distingue como seres divididos em locutores e enunciadore. Para o semanticista, esses sujeitos se diferem, no entanto, do sujeito empírico, ser real.

Entendido como uma “ficção discursiva”², o termo *locutor* é definido como: “[...] um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável [...]” (DUCROT, 1984a, p. 182). Ducrot (1984a, p. 187-188) distingue

² Cf. Ducrot (1984a, p. 187).



na noção de locutor duas ficções discursivas: o locutor **L** e o locutor λ . Para o semanticista, o locutor **L** designa “o locutor enquanto tal”, sendo considerado o responsável pela enunciação; já o locutor λ caracteriza-se como ser do mundo, “[...] uma pessoa ‘completa’, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado [...]” (DUCROT, 1984a, p. 188).

Ao postular que “[...] o sentido do enunciado, na representação que ele dá da enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são as de um locutor [...]” (DUCROT, 1984a, p. 192), o semanticista defende um segundo tipo de polifonia, por meio do qual aponta, na argumentação, os *enunciadores*, abreviado **E**. E assim os conceitua: “Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; [...]” (DUCROT, 1984a, p. 192).

Para finalizar essa primeira parte da abordagem teórica, toma-se o conceito de “alocutário” expresso em Guimarães (1987, p. 21) e que foi proposto a partir do conceito de polifonia de Ducrot (1984a, 1988): “O alocutário é o tu do discurso, representado enquanto correlato do locutor pelo próprio locutor”.

TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS: FASE ATUAL DA TADL

A Teoria dos Blocos Semânticos (doravante TBS) é a forma mais recente da Teoria da Argumentação na Língua. A TBS é proposta por Marion Carel em sua tese publicada em 1992. Essa teoria passou, então, a ser desenvolvida por Carel e Ducrot, que não só mantêm a ideia fundamental da TADL de que o sentido tem por base a argumentação, mas estabelece como ideia central da teoria o fato de que “[...] o sentido próprio de uma expressão está dado pelos discursos argumentativos que podem ser encadeados a partir dessa expressão.

A seguir, serão abordados os quatros conceitos basilares constitutivos da TBS: *encadeamentos argumentativos*, *interdependência semântica*, *aspecto argumentativo* e a noção de *blocos semânticos*. E, por fim, discorreremos acerca de



dois tipos de argumentação na TBS, a *argumentação interna* e a *argumentação externa* ao léxico.

CONCEITOS BASILARES CONSTITUTIVOS DA TBS

Os discursos evocados pelas palavras ou enunciados da língua são designados, pela TBS, de “encadeamentos argumentativos”, cuja forma geral é: **X CONECTOR Y**. X e Y são “segmentos” unidos por um conector. Contudo, Ducrot (2005b, p. 29) postula que “Um encadeamento argumentativo é um encadeamento entre dois e apenas dois segmentos. Na TBS, convencionou-se empregar os conectores nas formas abreviadas: o conector **normativo** abreviado **PLT** e o conector **transgressivo** **SE**.”

Conforme Ducrot (2005a, p.19), se tomamos um encadeamento do tipo A PLT B, o próprio conector implica que o segmento A só toma seu sentido em relação a PLT B e o segmento B só toma seu sentido em relação a A PLT. Esse fenômeno é denominado por Ducrot de *interdependência semântica*. Outro conceito fundamental na TBS é o de *aspecto argumentativo*. Para sistematizá-lo, Ducrot (2005a, p.20) apresenta a noção de *aspecto argumentativo*, conforme o tipo de conector (PLT ou SE) presente no encadeamento. Assim, por um lado, denomina-se **aspecto A PLT B** “ao conjunto de encadeamentos argumentativos normativos X PLT Y no qual X contém A e Y contém a B” (DUCROT, 2005a, p.20); por outro lado, chama-se **aspecto A SE B** “ao conjunto de encadeamentos argumentativos transgressivos nos quais X contém A e Y contém B, sem que nem A nem B sejam objeto de uma negação” (DUCROT, 2005a, p.20-21). Ao introduzir a negação em X e Y, nos encadeamentos normativos e nos transgressivos, é possível construir um total de oito aspectos agrupados em dois blocos semânticos.

A partir do conceito de aspecto argumentativo proposto por Ducrot (2005a), estabelece-se na TBS que, quando os encadeamentos argumentativos apresentam a mesma interdependência semântica entre A e B, eles são agrupados



num mesmo quadrado argumentativo, que representam as relações semânticas estabelecidas em cada bloco. Desta forma, teoricamente, é possível construir, a partir dos encadeamentos PLT e SE, dois blocos semânticos com quatro aspectos cada um: o Bloco Semântico 1 (abreviação BS1) e o Bloco Semântico 2 (abreviação BS2). Ducrot (2005b, p. 46) afirma que os quatro aspectos estabelecem, no quadrado, três tipos de relações formais: a *reciprocidade*; a *conversa*; e a *transposição*. Os dois quadrados argumentativos, a seguir, propostos por Ducrot (2005b, p. 46), demonstram tais relações entre os aspectos:

Conforme Ducrot (2005b, p.25), os dois blocos semânticos podem construir, entre si, três tipos de relações: “[...] ou bem há mudança de sentido, ou bem um dos blocos é um absurdo, ou bem um dos blocos é doxal e o outro paradoxal”.

Para Ducrot (2005c, p. 62), toda entidade lingüística possui duas argumentações: uma *argumentação interna* e uma *argumentação externa*. Segundo Ducrot (2005c), as argumentações externas subdividem-se em duas grandes categorias: *AE à direita* e *AE à esquerda*. Enquanto a *AE à direita* é formada pelas continuações dadas à entidade lingüística *e*, a *AE à esquerda* constitui-se pelo que pode preceder a *e*. Assim, como esclarece Ducrot (2005c, p. 63), a **AE à direita** de *e* é do tipo **e CON Y** e a **AE à esquerda** é do tipo **X CON e**.

Quanto à *argumentação interna* (AI) de uma entidade *e*, Ducrot (2005c, p. 64) afirma que ela “[...] está constituída por um certo número de aspectos aos quais pertencem os encadeamentos que parafraseiam esta entidade *e*”. Assim, a AI possui duas características fundamentais, inversas às da AE: “A primeira propriedade é que os encadeamentos que tomam parte da AI de *e* não contém a *e* como segmento constitutivo [...]” (DUCROT, 2005c, p. 65); e a segunda característica que também distingue radicalmente a AE da AI, refere-se ao fato de que “Se se encontra na AI de *e* um aspecto *X CON Y* não se encontrará nessa mesma AI um aspecto que contenha o encadeamento converso *X CON' Neg-Y*” (*ibidem*).

Passemos à apresentação do processo de análise.



PROCESSO DE ANÁLISE

O que motivou a análise proposta de um texto narrativo foi o fato de que “[...] para nós, [...] toda palavra, tenha ela ou não alcance persuasivo, faz necessariamente alusão a argumentação (DUCROT, 2009, p. 23). Para realizar a análise, toma-se, primeiramente, Ducrot (2005b, p. 32-33), que resgata da história da reflexão sobre o “tempo” duas concepções: por um lado, se o concebe como o tempo que traz as coisas, que faz com que as coisas ocorram, esse tempo é denominado de **tempo-que-traz**; por outro lado, se o caracteriza como o tempo que leva os acontecimentos, que destrói as coisas, esse tempo é chamado de **tempo-que-leva**.

Feita essa consideração, buscar-se-á, por meio da análise qualitativa que se objetiva realizar do texto narrativo, a partir do conto *A moça tecelã*³ de Marina Colasanti, primeiro apontar o funcionamento dos sentidos de *tempo* como construtor dos acontecimentos da narrativa e fazer uma correlação entre esses sentidos, os acontecimentos e a estrutura da narrativa, depois, identificar os encadeamentos argumentativos que expressam os pontos de vista dos enunciadores — por meio dos quais evocam as vozes do “locutor-narrador”, do “locutor-marido” e do “enunciador” com o qual se identifica a personagem ‘A moça tecelã’ — e determinam o funcionamento da argumentação na narrativa; e, por fim, identificar os discursos sobre casamento que estão funcionando argumentativamente no conto.

³ O conto *A moça tecelã* de autoria de Marina Colasanti integra o livro de contos *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, publicado pela primeira vez em 1985.



ANÁLISE

Conforme Ortmann (2010), o modelo narrativo construído por Todorov (1969, 1973, 1976, 1979a, 1979b) foi reorganizado por Adam (1992, 2008) do seguinte modo:

1 Situação inicial (orientação) — limite do processo

2 Nó (desencadeador) — núcleo do processo

3 Re-ação ou avaliação — núcleo do processo

4 Desenlace — núcleo do processo

5 Situação final — limite do processo

O conto *A moça tecelã* apresenta uma estrutura de narração determinada pela ação do tempo, que organiza o modelo narrativo do texto, conforme o apresentado em Adam (2008): na “situação inicial” é retratada a vida de solteira da personagem; o “nó ou conflito” é constituído pela descoberta feita, pelo locutor-marido, do poder do tear, que desencadeia sua ambição, o que acaba levando ao fracasso do casamento; a “reação ou avaliação” corresponde ao desejo de estar sozinha de novo; o “desenlace” corresponde à decisão da moça de destecer seu tecido; e a “situação final” é retratada no fato de a moça voltar a ficar solteira, retomando o equilíbrio na sua vida.

Considerando-se o tempo a partir das noções mobilizadas por Ducrot (2005b), percebe-se que o conto é construído tomando o tempo como elemento mobilizador de acontecimentos, expressos através dos sentidos da palavra “tempo”, apresentados como: **tempo-que-traz** os acontecimentos e **tempo-que-leva** os acontecimentos. Assim, é possível distribuir os principais acontecimentos do texto em seis momentos da ação do tempo, (este abreviado como T), a partir de duas concepções:



TEMPO-QUE-TRAZ

T1 Tecer era prazeroso, portanto era tudo que a moça tecelã queria fazer.

T2 Ela própria trouxe o tempo da solidão, portanto desejou ter um marido.

T3 O marido descobriu o poder do tear, portanto a mulher era obrigada a tecer.

T4 Ela própria trouxe o tempo da tristeza, portanto desejou estar sozinha.

Tempo-que-leva

T5 Desejou estar sozinha, portanto desfez seu tecido.

Tempo-que-traz

T6 Estava solteira novamente, portanto tinha tempo para si mesma.

Pode-se estabelecer uma correlação entre a estrutura da narrativa, conforme o modelo apresentado acima, e os dois sentidos de “tempo”, por meio dos quais os acontecimentos do texto foram organizados. Assim, a “situação inicial” ocorre determinada por (T1) e por (T2); o “nó ou conflito” é determinado por (T3); a “re-ação ou avaliação” se dá pela ação de (T4); o “desenlace” corresponde a (T5) e a “situação final” ocorre por meio de (T6), que é o “tempo-que-traz” o equilíbrio de volta à vida da personagem e à narrativa.

Num primeiro momento, o “tempo-que-traz”, (T1), revela à moça a descoberta do prazer de tecer “Tecer era tudo que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer”. Mas “**ela própria trouxe o tempo** em que se sentiu sozinha” (grifo nosso), (T2) – “tempo-que-traz” a solidão e, como consequência, também lhe trouxe o desejo de casar-se. Se por um lado, o pronome “própria” refere-se a ela como responsável por sua escolha, por outro, a apresenta como agente de mudança em sua vida, mudança do estado civil, em busca da felicidade. Assim, observa-se, por meio da voz do enunciador com o qual se identifica o narrador, que



este defende o ponto de vista de que, ao casar-se, a moça tecelã não cumpre em sua vida um destino, nem casa por determinação de alguém. Então, nesse mesmo dia, — ela “Não esperou o dia seguinte.” —, (T3) lhe traz o casamento; mas, com o passar do tempo, veio também a tristeza, decorrente da ambição do companheiro, que, com suas exigências, — “Sem descanso tecia a mulher os **caprichos** do marido” (grifo nosso), — tirou-lhe o tempo para fazer as coisas simples de que ela mais gostava.

Assim, o “tempo-que-traz”, (T4), lhe trouxe uma avaliação do seu casamento e do marido com quem se casara e a conseqüente descoberta: “como seria bom estar sozinha de novo”. Com essa descoberta, ela convoca o “tempo-que-leva”, (T5), para que leve seu casamento e a tristeza da vida de casada. Como o tempo não deixa de existir para a condição humana, o tempo permanece em sua vida, mas se configura como o “tempo-que-traz”, (T6), que lhe traz a solidão e com ela a felicidade de poder voltar a ter tempo para si mesma, de ter tempo de tecer a vida simples que antes levava.

Passando à análise dos encadeamentos argumentativos que expressam os pontos de vista de enunciadores, observa-se que, na primeira parte do texto, o locutor-narrador põe em cena um enunciador que apresenta o ponto de vista segundo o qual o ato de tecer da moça não constitui uma atitude egoísta, mas visa ao bem comum. Assim, esse enunciador defende que, ao tecer, a moça buscava construir um mundo harmônico através do equilíbrio da natureza: “se durante muitos dias **o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros**, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que **o sol voltasse a acalmar a natureza**” (grifo nosso). A partir desse enunciado do locutor-narrador, podem-se construir os seguintes encadeamentos: (AE) (1) Constrói um mundo harmônico, portanto quer o bem comum. (2) Não constrói um mundo harmônico, no entanto quer o bem comum. Assim, a (AI): Está preocupada com a harmonia do mundo, PLT não é egoísta, expressa o ponto de vista do enunciador com o qual se assimila o locutor-narrador.



As enunciações do locutor-narrador “Nada lhe faltava” e “dormia tranquila” constroem uma relação argumentativa que expressa o ponto de vista de um enunciador, segundo o qual a vida que a moça levava, antes de se casar, era tranquila e ela tinha todas as suas necessidades físicas satisfeitas pelo resultado do seu trabalho. É possível construir os seguintes encadeamentos do ponto de vista desse enunciador (AE): (3) Tinha todas as necessidades físicas satisfeitas, portanto dormia tranquila. (4) Tinha todas as necessidades físicas satisfeitas, no entanto não dormia tranquila. A (AI) de (3) pode ser: Vida tranquila, portanto felicidade. Observa-se que o ponto de vista defendido pelo locutor-narrador é o expresso pelo enunciador de (3); pode-se verificar isso por meio dos enunciados transcritos acima.

Contudo, como revelou o locutor-narrador a respeito da moça, com (T2) “ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e [...] pensou como seria bom ter um marido ao lado”. Esse enunciado expressa o ponto de vista do enunciador com o qual se assimila a moça tecelã (AE): Sente solidão, portanto deseja ter um marido. Em que A é favorável a B. A (AI) desse encadeamento seria: Estar sozinha, PLT querer construir uma família. Em seguida, o locutor-narrador se assimila ao enunciador que defende o ponto de vista de que a moça tecelã realizara um bom casamento, pois o marido lhe fazia feliz; para sustentar tal ponto de vista, o locutor constrói os seguintes enunciados: “deitada contra o ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para **umentar ainda mais a sua felicidade**. E feliz foi [...]” (grifo nosso). Contudo, observa-se que essa enunciação expressa um ponto de vista do enunciador-universal que permite construir os encadeamentos: (AE): (5) Está casada, PLT é feliz. (AI) Tem um bom marido, PLT é feliz.

No entanto, o locutor-narrador põe em cena (T3) e faz as seguintes constatações: “Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, **descoberto o poder do tear, em nada mais pensou [...]**” (grifo nosso). Vê-se que esse locutor põe em cena, agora, um enunciador que defende que (AE): (6) Está casada, no entanto não é feliz. A (AI) seria: Estar casada SE querer separar-se.



Observa-se, contudo, que (6) constrói uma relação argumentativa conversa ao encadeamento (5) “Está casada, PLT é feliz”, produzido a partir do ponto de vista do enunciador-universal. Essa inversão de ponto de vista está marcada também, no texto, pela conjunção **mas**, que, como aponta Guimarães (1987), inverte o orientação argumentativa⁴ do enunciado.

O locutor-narrador assume o ponto de vista do enunciador que defende que a moça tecelã suportou durante algum tempo as exigências do marido e mesmo se esforçou para “salvar” seu casamento. Para tanto, esse locutor constrói os enunciados: (a) “— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. [b] E **parecia justo** [...]” (grifo nosso). O enunciado (a) evoca a voz do locutor-marido, a partir do qual se defende (AE): (7) Vida a dois PLT casa maior. A (AI) seria: É necessário PLT é justo. No enunciado (b), o locutor-narrador defende, por meio de seu enunciador, o seguinte ponto de vista: (AE) (8) É necessário PLT é justo. A (AI) seria: É bom PLT faz. Ou ainda, pode-se ouvir o locutor-marido por meio do enunciado: “— Para que ter casa, se podemos ter palácio?” A (AE) pode ser: (9) Condições PLT riqueza. A (AI) é: Ambição PLT uma vida melhor.

O locutor-narrador assimila-se a um enunciador que sustenta que a ambição do marido foi a causa do fracasso do casamento, pois, devido às exigências dele, a esposa não tinha mais tempo para si mesma e vivia como uma escrava, presa numa torre. Para tanto, esses locutor emprega os enunciados: “e ela não tinha tempo”; “Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido”. Observa-se que esses enunciados constroem uma relação argumentativa que pode ser sistematizada na (AE): (10) Está casada PLT é obrigada a tecer os caprichos do marido. A (AI) pode ser: Está casada PLT não tem tempo para si.

Como consequência desse funcionamento argumentativo, (T4) chega à vida da tecelã: “ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio”; “como seria bom estar sozinha de novo”. Vê-se, então, que o locutor-

⁴ Guimarães toma o conceito de orientação argumentativa de Ducrot (1973, 1987, 1989), entre outros trabalhos do autor.



narrador constrói enunciados que se relacionam argumentativamente e por meio dos quais defende um ponto de vista que permite a construção dos aspectos (AE): Está casada SE não é feliz. A (AI) pode ser: Está infeliz PLT quer se separar. Tomada essa decisão, o “tempo-que-leva”, (T5), permite que a moça desteça seu marido. Assim, com o enunciado “como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara [...]”, o locutor-narrador assume o ponto de vista de um enunciador que defende que, em decorrência da chegada de (T6) à vida da moça, ela tinha tempo para si mesma e estava mais feliz. Essa enunciação do locutor-narrador evoca um enunciador que defende o ponto de vista de que (AE): Estava separada PLT tinha tempo para si mesma; cuja (AI) pode ser: Sozinha PLT feliz. Agora, a tecelã tinha tempo para tecer a natureza e estava novamente feliz.

CONCLUSÕES

Com a análise do funcionamento argumentativo e polifônico do conto, observou-se que o enunciador, com o qual se assimila o locutor-narrador, constrói o seu ponto de vista de modo a colocar em questionamento o discurso do enunciador-universal, que defende o ponto de vista segundo o qual “casamento garante felicidade”. Este enunciador constrói o seu discurso a partir do aspecto: casada PLT feliz, defendendo esse discurso como uma regularidade. Como um contra-argumento, o locutor-narrador coloca em cena, como no caso da metáfora do teatro de Ducrot (1984a), dois personagens casados para, a partir do fracasso desse casamento, defender, por meio do enunciador que ele assimila, o ponto de vista de que “casamento não é garantia de felicidade”.

Para tanto, a enunciação do locutor-narrador constrói um funcionamento argumentativo que permite a elaboração de encadeamentos como: (1) Está casada, no entanto não é feliz (A SE NEG-B), pois é obrigada a tecer os caprichos do marido. A (AI) de (1) é: está infeliz PLT quer se separar; ou ainda (4') Está casada,



portanto não é feliz (A PLT Neg-B); (3') Não está casada, portanto é feliz (Neg-A PLT B); (1') Está casada, no entanto é feliz (A SE B); (4) Está casada, portanto é feliz. Assim, pode-se observar que o enunciador do locutor-narrador defende o discurso construído com o aspecto (1), pois esse aspecto constitui um forte argumento a favor do seu ponto de vista; ele concorda que (3') funcionou no conto, mas esse enunciador não o toma como uma regularidade; defende que (1') é possível; logo, o considera como uma exceção; quanto a (4), o enunciador refuta veementemente. Observa-se, então, que ocorre relação de conversão entre (1) e (4) e entre (1') e (4'). O enunciador do locutor-narrador chegou a concordar com (4) por um tempo, mas para expressar a fragilidade desse discurso, empregou o enunciado: “E **feliz foi, durante algum tempo**” (grifo nosso).

A análise do conto também permitiu constatar que as concepções de “tempo”, conforme reorganizadas por Ducrot (2005b), estavam funcionando na produção dos acontecimentos na narrativa, num leva-e-traz de ações, organizando a estrutura da narração num jogo de equilíbrio (T1 e T2), desequilíbrio (T3, T4 e T5) e novo equilíbrio (T6) no modelo narrativo, e, conseqüentemente, na vida da personagem-protagonista.

REFERÊNCIA

- CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.
- DUCROT, O. Escalas argumentativas. In: DUCROT, O. **Provar e dizer**. São Paulo: Global, 1981. p. 178-228. Edição original: 1973a.
- DUCROT, O. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação**. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. p 161-218. Edição original: 1984a.
- DUCROT, O. **Polifonia Y Argumentación**. Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Universidad del Valle – Cali, 1988.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- DUCROT, O. Argumentação e “topoi” argumentativos. In GUIMARÃES, E. **História e sentido na linguagem**. 2. ed. Campinas: Editora RG, 2008. p.13-38. Edição original: 1989.
- DUCROT, O. Introducción: Conferencia 1. In: CAREL, M.; DUCROT, O. (2005a). **La Semántica Argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005a. p. 9-25.
- DUCROT, O. Los bloques semánticos y el quadro argumentativo. Conferencia 2. In: CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005b. p. 27-50.
- DUCROT, O. Argumentación interna y argumentación externa. Conferencia 3. In: CAREL, M.; DUCROT, O. **La Semántica Argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Buenos Aires: Colihue, 2005c. p. 51-89.
- DUCROT, O. **Argumentação retórica e argumentação linguística**. Rev. Letras de Hoje: Porto Alegre, v. 44, n.1, 2009. p. 20-25.
- GUIMARÃES, Eduardo. 3ª edição. **Texto e Argumentação: um estudo das conjunções do português**. Campinas: Pontes, 2002. Edição original: 1987.
- ORTMANN, Paula Dreyer. **Por um estudo argumentativo da narrativa**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por: Charles Bally e Albert Sechehaye. ed. 33ª. São Paulo: Cultrix, 2006. Edição original: 1916.